

## JOELHOS NA PIPOCA

Josué Euclides Hetinguer

(Empreendedor)

Enquanto esperávamos iniciar a sessão do filme *Madame Durocher*, o saco de pipoca dela caiu no chão. Fiquei penalizado e ajudei-a a catar os pedacinhos belicosos de milho no tapete do Kinoplex Boulevard 2. Pra variar, nenhum dos trabalhadores do cinema veio nos ajudar. Enquanto eu fazia em voz alta a observação *de que os trabalhadores com carteira assinada (ou assassinada) só fazem o que é obrigado, não têm a iniciativa do improviso solidário, e por isso sou MEI*, senti que ela não gostou. Mas como estávamos, eu e ela ajoelhados, com algumas pipocas torturando nossos joelhos, ela disfarçou e deu um sorrisinho meio assim assim. Quando acabou a tortura de ajoelhar sobre o milho, como nos tempos dos escravos, sentamos e conversamos alguns minutos. Primeiro ela agradeceu o rastreamento pipocáceo e logo foi direta:  *você tem alguma coisa contra os trabalhadores contratados?* Não deu tempo, a sessão ia começar e logo perguntei se ela se importava de conversar depois da sessão uns dez minutinhos. Sentamos próximos e, ao final da sessão, tasquei-lhe a pergunta inusitada: *gostou do filme?* O óbvio é sempre meio ridículo, mas eu costumo ser óbvio e ridículo. Ela respondeu estrondosamente **ADOREI** e fiquei meio acuado porque tinha achado o filme muito desagradável. Mas, pra não aumentar a minha ridicularidade fiquei quieto. Disfarcei e perguntei se podíamos tomar um café pra terminar aquela conversa iniciada durante a guerra das pipocas. Ainda bem que naquela hora a Praça de Alimentação do Boulevard Shopping fica vazia. Pedi dois cafés e quando eu estava no 1º gole ela perguntou à menina que servia:  *você tem cachaça aí?* Eu juro que engasguei com o café e expeli algumas daquelas gotinhas que aprendi na faculdade que se chamam *Gotículas de Flügge*. Em pouco mais de dez minutos eu já havia sido ridículo duas vezes. Óbvio eu sempre sou. A menina simpática que nos servia correu, pegou um paninho molhado e passou na blusa branca da moça. Eu que já não sabia onde enfiar a cara, olhei pro teto quando vi que *Flügge* estava sobre as glândulas mamárias da moça. Quando enfim resolvi olhar pra ela e pedir mil desculpas, ela respondeu sorrindo: *não tem problema, eu já estou acostumada.*

Ops... (e agora?) ..... Essa resposta me desconcertou, como assim, já está acostumada? Será que ela jogou o saco de pipoca no chão de propósito? Será que ela espera o 1º gole do café do interlocutor pra perguntar se tem cachaça? Será isso premeditado, serei mais uma vítima, ridícula e óbvia? Será golpista? Ligada a alguma facção criminosa? Mergulhado em minhas conjecturas ela perguntou se eu estava me sentindo bem.

Despertei de meu transe com a *manobra de Hetinguer*. Essa manobra que aprendi com meu avô é um movimento brusco do pescoço em que você balança a cabeça rapidamente duas vezes para um lado e outro pra mudar de assunto ou espantar algum pensamento que te perturba. Respondi logo: *está tudo bem, peço desculpas pela cuspidela involuntária e é muito prazer poder conversar com você.* Nisso, chega a menina com a dose de cachaça requerida, quase me engasguei de novo, mas dessa vez me contive. Minha mãe me ensinava que em situações desse tipo você deve apertar com força os músculos das nádegas e esperar passar o susto. Fi-lo. Essa manobra ainda não tem nome. Aí ela engrenou o papo, dizendo que havia perguntado sobre os trabalhadores contratados porque era um assunto de seu interesse. Perguntei: *contrato?* Não, ela disse: *trabalhadores e trabalhadoras.* Entendo,  *você deve ser advogada,* emendei. Ela falou:  *você que é Microempreendedor Individual tem raiva de trabalhadores contratados?* Logo respondi que não mas observei que os trabalhadores não possuem o improviso solidário em situações adversas. Ela fechou a cara: *Ah, é? E o que você fez com seu empreendedorismo solidário na hora em que você cuspiu na minha blusa? Quem me acudiu foi a menina que não ganha pra isso no contrato...* Me lascou, como é que eu ia limpar meus perdigotos naquela zona proibitiva? Eu poderia ser tachado de abusador sexual, insolente, folgado, além de ridículo (esse eu já estou acostumado). Ela ficou em silêncio e perguntou se eu gostava de escrever. Logo pensei que ela ia chamar a polícia e eu ia ter que escrever uma petição de perdão. Aí ela explicou que participava de um grupo de pessoas que escrevia numa tal Coluna Opinião (juro que na hora pensei que esse era o nome da facção criminosa) e que lá se discutia muito a questão do microempreendedorismo, mas que não havia ninguém com meu perfil. *Qual o meu perfil?* Perguntei.

De pronto respondeu: *Ora, empreendedor, crítico do trabalho formal e do contrato de trabalho, deve acreditar na teologia da prosperidade, a favor das reformas trabalhista e previdenciária, antivacina...*

Interrompi: *Péra, péra, teologia da prosperidade e antivacina não, isso aí não. Por favor.* Ela pediu à menina um papel e uma caneta, escreveu um endereço eletrônico e um email e me entregou dizendo, *dê uma olhada e se achar que pode escrever sobre o tema mande um email e nosso grupo vai conversar com você.* Eu falei que ia olhar e me apresentei: *prazer, sou Josué Euclides e você?* Arrematou, logo em seguida: *Rosângela Gaze, prazer.* ..... Olha eu agora aqui.

■ ■ ■